

# Fiasco no plantio de grãos na Amazônia reduz produção

■ Qualidade da soja é comprometida por problemas como pragas, calor e umidade

MARCUS FERNANDO FIORI  
Agência JB

PARAGOMINAS (PA) – A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) da Amazônia Oriental está enfrentando um desafio que os centros da entidade em outras regiões do país se recusam a olhá-lo de frente: o plantio de grãos na Amazônia.

As pesquisas iniciaram em 1996 em Paragominas, no nordeste paraense. Os primeiros resultados foram promissores, mas hoje, os produtores estão com os pés no freio. Basta dizer que a meta de plantio para 2001 era de 35 mil hectares. Só 18 mil, entretanto, foram efetivamente plantados.

**Adaptação e crise** – A produção paraense de grãos avança na direção da soja, arroz e milho. Os dois últimos estão se saindo relativamente bem. A soja, por sua vez, não está tendo boa adaptação ao clima quente e úmido amazônico e, ao mesmo tempo, está enfrentando uma crise de preços baixos no mercado mundial.

Não é o caso de afirmar que a cultura é inviável na Amazônia. Segundo estudiosos, é o caso de se abrir novas frentes de pesquisas, es-

tabelecendo a melhor época para o plantio, passando pela melhor adequação do solo – que é pobre – e desembocando no desenvolvimento de cultivares de ciclo super tardio, o que caminha na contramão da cultura da soja, que tem na precocidade o seu maior trunfo.

Em todo o mundo, os grãos se caracterizam por se desenvolverem bem em regiões secas, terreno plano e solo fértil. Não é o caso da Amazônia. “No aspecto global, a Amazônia não tem vocação para o cultivo de grãos”, disse o pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Emeleocípio Botelho de Andrade. “A região apresenta alta umidade e elevada precipitação pluviométrica”.

Como consequência, a Embrapa já detectou uma série de problemas. Pragas e doenças já se apresentaram, embora ainda não em escala alarmante. A qualidade da soja pode não ser das melhores, pois acaba sendo colhida em períodos chuvosos. O calor e a umidade podem constituir uma verdadeira estufa para o desenvolvimento de fungos. Até sementes estão faltando no mercado.

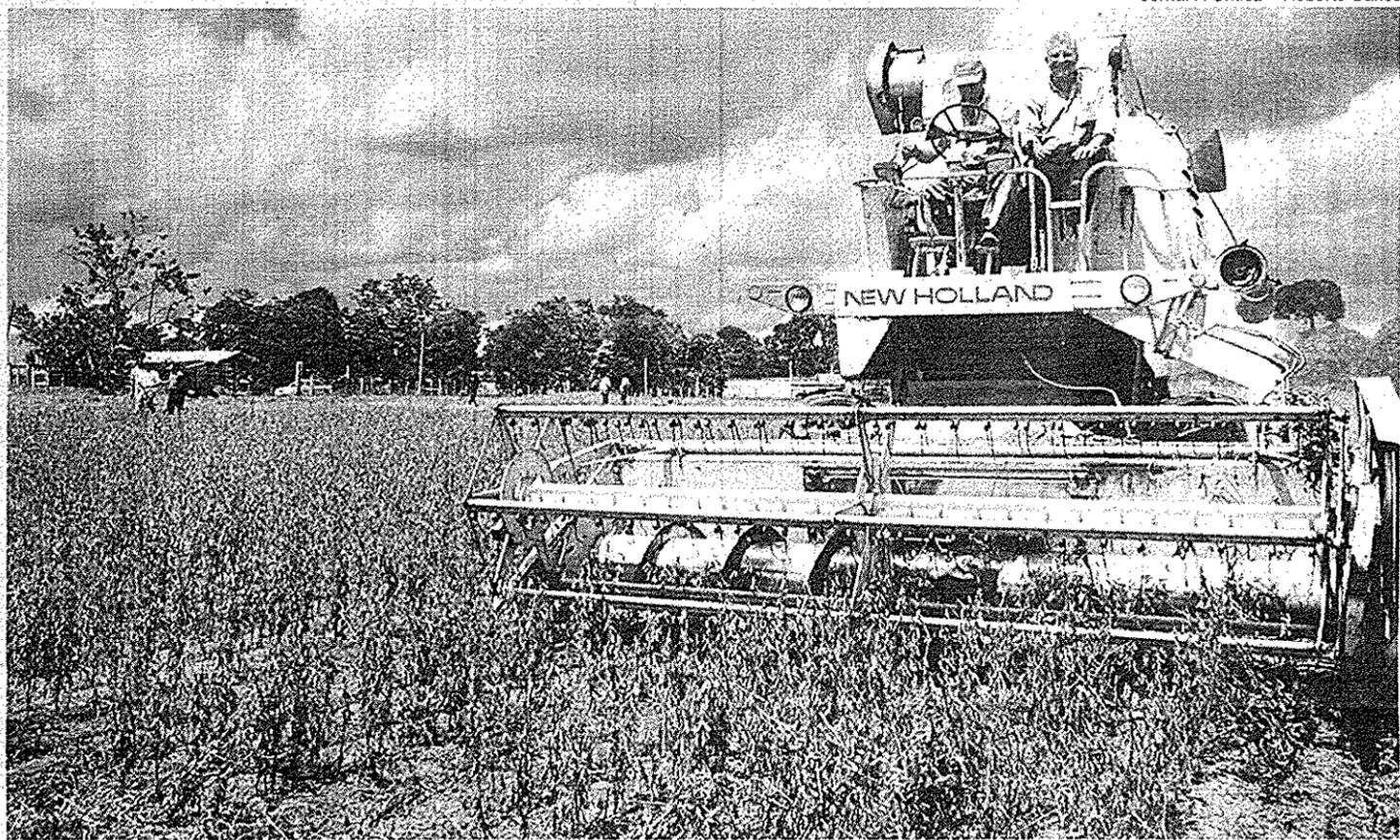
**Sem apoio** – Ao contrário da propaganda governamental, a cultura da soja no Pará não é o mar de rosas que se apresenta nas propagandas

de TV. O pesquisador Emeleocípio Botelho de Andrade garante que o estado não conta nem com cinco mil hectares de soja plantados. Essa é uma quantidade plantada em qualquer “fazendola” de estados como Goiás, Mato Grosso ou Mato Grosso do Sul.

O pólo agrícola de Paragominas atinge 10 municípios e uma superfície de 5,37 milhões de hectares. A área abrange desde São Miguel do Guamá até Dom Eliseu e Rondon do Pará. Trata-se da faixa sob influência das rodovias BR-010 e BR-222, e entorno do rio Capim. Mas há sérios problemas de infra-estrutura.

O governo local prometeu construir a hidrovía Araguaia-Tocantins (que não saiu do papel); preparar a rodovia PA-150 para escoar uma grande quantidade de grãos e produzir calcário no estado. Mas nenhuma dessas medidas foi colocada em prática. O solo da região está sendo explorado há 35 anos com implantação de pastagens para criação de gado de corte e exploração madeireira. A cidade de Paragominas tem dois milhões de hectares cultivados com pastagens. Desse total, os pesquisadores estimam que 500 mil hectares estão aptos para receber grãos.

Jornal A Crítica – Roberto Carlos



Agricultores da região amazônica insistem na soja para viabilizar as culturas de arroz e milho, mas não dominam a técnica de plantio

## Produtores em choque com a nova cultura

PARAGOMINAS (PA) – O presidente do Sindicato Rural de Paragominas, Arnaldo Betzel, reconhece: “Estamos apanhando na cultura de soja por causa do longo período de chuva na região”. A história da soja em Paragominas começou em 1996, quando 20 empresários se uniram e plantaram 500 hectares de grãos. A empreitada custou cerca de R\$ 20 mil para cada participante do projeto.

A soja tornou-se uma obrigação para os produtores rurais de Paragominas. Os agricultores têm se dado bem com o plantio do arroz e milho, mas para que essas culturas vingam, elas têm necessariamente que fazer a rotação com a soja. Do contrário, sucumbem diante das pragas e doenças, que são fartas na Amazônia.

Em 1998, o consórcio de 20 empresários passou a plantação para um único produtor. Nesse momento, a Embrapa já havia determinado alguns cultivares (testes acompanhados cientificamente) para a região, como a Sambaíba, Seridó, Mirador, Tracajá e Boa Vista. O problema é que elas são monopolizadas pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Centro do Estado do Maranhão (Fapcem), que obteve a reserva de domínio depois de assinar contrato com a Embrapa, que desenvolveu as cultivares.

**Excedente** – O quadro atual é esse: a Fapcem detém o monopólio das sementes. A produção é para abastecer os agricultores da região de Balsas, no Maranhão. Se houver sobra, a fundação comercializa o excedente com os produtores de Paragominas. “Somos a última fronteira agrícola do país”, diz o produtor José Carminati. “Quando a soja está sendo colhida em Balsas, aqui ela está apenas começando a florescer por causa das chuvas. A semente que nos chega é de péssima qualidade, é a sobra dos produtores do Maranhão”.

“E há mais dois problemas em relação à soja: primeiro, o preço não está bom; segundo, ainda não dominamos a técnica de plantio”, completou Carminati. “Estou com 500 hectares preparados para plantar soja, mas se não não preparamos para plantar soja, vou plantar capim e voltar para a pecuária”, ameaça Arnaldo Betzel, o presidente do Sindicato Rural local. (M.F.F.)

## Tentativa e erro

Pesquisadores buscam novas técnicas para resolver problemas

PARAGOMINAS (PA) – Os pesquisadores da Embrapa detectaram, ao longo dos anos, diversos problemas envolvendo a introdução da soja na Amazônia. Uma série deles pode ser solucionada imediatamente, pois trata-se de técnicas já pesquisadas e difundidas. Outros, porém, vão depender de novas pesquisas.

Os agricultores querem, por exemplo, um cultivar de soja que ainda não existe, a super tardia, que apresenta alta produtividade. O problema é que quanto mais jovem, maior produtividade de a planta apresenta.

**Incompatibilidade** – As cultivares de ciclos mais longos descobertas até

agora têm longevidade de 120 dias. Por sua vez, o inverno amazônico - período de chuvas - vai de 150 a 180 dias. Uma das alternativas estudadas pelos cientistas seria plantar no *veranico* - estiagem que acontece na Amazônia em pleno período chuvoso.

“Vamos plantar em várias épocas do ano para observar os resultados”, adiantou Andrade. “Depois, colher na chuva é complicado porque a secagem da soja em aparelhos não é a solução ideal: o produto fica mais suscetível ao ataque de pragas”.

Todas os tipos de pragas e doenças que atacam a cultura da soja em qualquer parte do mundo já foram observadas em Paragominas. “Quando a área de cultivo crescer, vai ser necessário controlar quimicamente as doenças e pragas”, avisa o pesquisador da Embrapa.

## Região é propícia ao plantio de coco e pimenta

PARAGOMINAS (PA) – Quando o programa da soja foi lançado no Pará pela Embrapa Amazônia Oriental, o alvo era exclusivamente a região do cerrado do município de Redenção, no extremo sul do estado. Mas os produtores de Paragominas queriam uma alternativa para ocuparem cerca de 500 mil hectares de área de pasto degradada.

Lançaram o desafio à Embrapa, que desde o começo avisou que poderia tentar, mas não seria fácil. As pesquisas começaram em 1996. Os resultados preliminares foram considerados fantásticos, com produtividade de até quatro toneladas/hectare.

**Pesquisa** – Esses resultados atraíram a atenção de outros centros de excelência em pesquisa da soja do país. Os pesquisadores concluíram que a soja não seria a cultura “pesada” na região, ao custo de R\$ 250 mil. Só que esse dinheiro não foi investido.

Segundo o cientista Emeleocípio Botelho

de Andrade, da Embrapa, “a Amazônia tem componentes biofísicos clássicos. A região nunca teve vocação para o cultivo de grãos e sim para culturas perenes como a castanha, coco, dendê, pimenta etc.”

“O nosso desafio era plantar a soja numa região extremamente úmida”, lembra Andrade. Paragominas apresenta umidade de 90% a 98% na época do plantio e tem temperatura média anual de 26°C e sem variações. Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, por exemplo, estado que mantém grande produção do grão, a temperatura média anual é de 18°C a 20°C e com bruscas variações, o que constitui um controlador natural de pragas e doenças.

Mas a Amazônia não estava, digamos assim, preparada para receber a monocultura. “A natureza criou a multidiversidade”, explica Emeleocípio. “Na Amazônia conta-se até 200 espécies nativas em um único hectare, o que explica a tese de auto-controle biológico de pragas e doenças”.

Nas primeiras experiências, os agricultores colheram uma média de 66 sacas de soja por hectare. Atualmente, colhem entre 40 e 45 sacas. A produção ainda se paga, mas há muito o que melhorar para que a atividade se mantenha economicamente viável.